

D. FERNANDO II.

Desenho de Nogueira da Silva.—Gravura de Coelho.

Engrinalde-se a penna de flores alegres e viçosas, e matize-se o papel com o reflexo do seu colorido.

Formosas filhas da arte, descei do throno da vossa gloria, e vinde saudar o rei que se inspira do vosso engenho, e protege os vossos discipulos.

Genios da independencia e da liberdade, desfraldae os vossos pendões, e vinde collocar-vos aos lados do rei que vos ama e se nutre da vossa salutar influencia.

Operarios de todas as industrias, largae por um instante o trabalho, e acercae-vos do rei que vos anima com o prestigio da sua palavra, e folga em tratar comvosco.

E vós, partidarios de todas as côres, vinde tambem comprimentar o rei que a todos nos olha como irmãos.

Festejemos todos o nome querido de D. Fernando.

Rei que só é rei pelo titulo, rei que tem de humano as qualidades, rei a quem os preconceitos e as etiquetas da suprema aristocracia incommodam, rei que folga mais quando se confunde com o povo, do que quando se distingue pelo cavalgar imponente dos batedores, é rei que nós podêmos defender.

A penna não se prostitue. O papel não se mancha.

Descubramo-nos! Volvamos a penna e os olhos para o retrato que hoje tão distinctamente illustra as paginas do *Archivo*, e traduzamos em louvores as brilhantes qualidades e virtudes que n'aquella fronte rasgada, que n'aquelle rosto sympathico e animado estão a transluzir e a reflectir profundamente em todos os nossos corações.

São raras as vezes em que a historia não tem de vestir-se de lucto para descrever os primeiros grandes do mundo; porque raros são aquelles a quem a magestade da purpura não ensoberbeceu.

Aproveitemos o momento, que não são muitos n'este longo e penoso tirocinio dos povos.

Adorne-se hoje a historia de galas, e venha, com o sorriso de intima satisfação e contentamento nos seus labios afeitos á amargura, narrar-nos os exemplos de independencia, de modestia e de fraternidade, que, como grinaldas de flores, se entrelaçam e pendem da vida d'aquelle augusto personagem.

Alli a descobrimos já vestida de gala, e sorrindo silenciosa e prazenteira.

Duas compridas alas de genios marcham accelerados para ella, tocando e acompanhando com o mimo das suas vozes os mais alegres hymnos. Por cima das suas cabeças buliçosas voam os zephyros animando-lhes, com seus suaves respiros, as compridas e anneladas madeixas, cuja côr loura e assetinada o sol banha de sua explendida luz, e faz brilhar como ouro polido.

No centro caminham as artes todas, trajando os seus mais ricos costumes, coroadas de rosas brancas e vermelhas, e de baunilha, trazendo cada uma na mão direita o instrumento mais caracteristico da sua profissão, entrelaçado de ramos de louro em fórma de helice.

Na frente vem as artes, ao som de cujas harmonias se criaram o povos associados e se levantaram as cidades. A poesia, a musica e a pintura. Seguem: á primeira Camões, Bocage, Garrett e Castilho; á segunda Santos Pinto; á terceira Grão Vasco, Sanches Coelho e Sequeira.

Todas agitam os braços em ar de saudação, e parecem anciosas por se aproximarem.

Ao lado, e a certa distancia, acompanha-as Alexandre Herculano, inalteravel na sua expressão grave, austera e meditativa, olhando attentamente para cada personagem, observando mais uns do que outros, reflectindo de vez em quando, e escrevendo depois n'um livrinho-carteira, em cuja capa se lê o titulo da obra que elevou o grande historiador portuguez a um dos primeiros logares da nossa litteratura contemporanea.

Eis a brilhante e festiva comitiva ao pé de nós.

Todos param, todos se acalmam e volvem os olhos para a celeste pintura. Os divinos musicos e cantores callam os seus instrumentos e emmudecem. É a bella rainha das côres que vae fallar. Dirige-se ao seu discipulo-rei.

Ouçamol-a.

«Rica que uma nação seja pelas minas de ouro, poderosa pela força das armas, um futuro proximo de probreza, abatimento, humilhação e aniquilamento a espera no fundo dos seus cofres, na epopea dos seus triumphos, se a cegueira da ambição e da vaidade lhe não deixou ver as artes, ou lh'as perdeu.

«Dir-vos-hia que olhasseis para a India moderna, para a China, e para a Italia de nossos dias, se por ventura esta lei, a que Deus parece condemnar os povos que se esquecem das suas superiores faculdades, não houvesse ferido a nação portugueza tambem.

«Houve um dia em que Portugal, desafiado pelo esplendor das suas conquistas interiores, confiando em forças já provadas pelo miraculo das suas victorias, e não tendo mais que vencer pelas raias dos seus dominios, se lembrou de viajar com a lança em punho.

«Parecia então fadado para subjugar o mundo, porque pôde logo com tudo e com todos.

«Foi uma verdadeira epopea!

«Dentro em pouco, quasi se não atravessava o globo para lado algum, onde a pavilhão portuguez não fluctuasse, attestando aos passageiros a rapidez do seu vôo, e a firmeza da sua haste.

«Era tão forte o tinir das suas armas, que soava por toda a parte.

«Laminas de grande têmpera ousaram rivalisar com ellas.

«Baldado intento!

«As dos portuguezes partiram-nas como se fossem laminas de cera.

«Era por cima das cabeças lusitanas que velava o genio da victoria.

«Não houve ponto por toda a superficie da terra, onde o respeito, a admiração e o prestigio lhes não contemplassem o valor e a gloria

«É dizer que tinham tudo quanto carece uma nação para dominar absoluta e exclusivamente.

«Portugal fez-se senhor do mundo!

«E depois?

«Depois!

«Morreu! porque, quando o seu braço não tinha já por onde brandir a espada, descançou, movendo-se apenas para fustigar os escravos que lhe exploravam as minas de ouro e de diamantes.

«Educou os seus filhos n'esse somno de morte.

«Pensou que assim podia ser sempre rico, opulento, dominador, independente.

«Ai! que se enganou!

«Esqueceu-lhe que outros patrimonios carecia de preparar, para quando as minas se esgotam, para quando os escravos cançam, para quando as colonias se libertam.

«E quando os rigores do infortunio o obrigaram a despertar do profundo lethargo, achou-se pobre e com os pulsos presos.

«É que, em quanto dormia á sombra das suas façanhas, outras nações acordavam ao sol das artes.

«Já sem ouro, porque o tinha gasto; sem commercio proprio, interno ou externo, porque não tinha industria; sem industria, porque não tinha artes; sem artes, porque as tinha desprezado; acceitou a proposta que essas nações, coroadas de louros mais duradouros, lhe offereciam com o sorriso da independencia nos labios.

«Os altivos descendentes dos guerreiros curvaram a cabeça aos artistas.

«Os senhores obdeceram á voz eloquente dos trabalhadores, e converteram-se em tributarios e corretores da industria alheia!

«Infeliz encargo! Desgraçado officio! Degradante posição, em que ficou vivendo até agora, e d'onde é difficil sair!

«Deslumbrados pela independencia e pelas riquezas com que as artes infloram as outras nações, um desejo vivo de se resgatarem d'esse estado tributario e aviltante, filho do seu passado orgulho e incuria, rebentou no coração dos portuguezes.

«Mas, profanos na sciencia do bello, porque os não iniciaram nos seus mysterios, desconhecendo completamente os segredos fecundos das bellas-artes, d'onde emana o gosto, incitador de todas as outras artes, e seu progressivo e aperfeiçoado desenvolvimento, facho que accende nos corações o amor de um trabalho intelligente e poetico, o seu caminho tem ido errado sempre.

«Era necessario o apparecimento de alguem que, pela sua auctoridade, pelo seu prestigio e pelo seu

exemplo, tivesse o poder de os levantar d'essa ignorancia, e incitar-lhes o animo.

«E parecia já, que debalde esperavam, quando a Providencia, condoendo-se da sua sorte, lhes deparou um mestre com esse poder, El-Rei D. Fernando.

«D. Fernando! É visivel já em Portugal a influencia que a vossa protecção ás bellas-artes, animada pelo exercicio proprio que d'ellas fazeis, e pelo prestigio da vossa posição, começa a exercer nas attenções do povo portuguez.

«O augmento da concorrencia de visitadores ás exposições da academia das bellas-artes é filho do vosso exemplo.

«O reconhecimento e homenagem que o publico vae progressivamente prestando aos artistas que hão figurado nas salas de S. Francisco data do primeiro dia em que lhes estendestes a mão e lhes pedistes os seus quadros para adornar os vossos reaes gabinetes.

«Da grande força de vida que déstes á ultima exposição brotou o *Jornal das Bellas-Artes*.

«D. Fernando! A cruzada de que tanto do coração e com tão legitima iniciativa vos fizestes cargo, é de uma grande victoria para o vosso adoptivo paiz; e o futuro o dirá, quando, nutrindo-se dos seus beneficios, as suas artes crearem, a sua industria produzir, e o seu commercio exportar.

«Alexandre Herculano, não a esqueçaes!»

E uma nuvem de estrellas, envolvendo o divino cortejo, o elevou e sumiu pela amplidão dos ceos.

NOGUEIRA DA SILVA.

PALACIO ACASTELLADO DA PENA EM CINTRA.

O antigo conventinho da Pena, na serra de Cintra, teve principio n'uma ermida de Nossa Senhora, que, segundo a tradição popular, se achára n'aquelle logar, onde por muito tempo a veneraram.

Já memorias do XIV seculo rezam d'essa ermida, e d'ellas consta, que os beneficiados da proxima egreja de S. Pedro iam alli todos os sabbados dizer missa, por cujo encargo lhes fizera D. João I, em carta dada em Cintra a 8 d'agosto 1387, mercê de um moio de trigo em cada anno.

D. João II frequentou aquelle logar. Conforme Garcia de Rezende, em 1493 foi alli pagar um voto, e com a rainha e criados viveu na pequena ermida, e tendas que se armaram, onze dias, depois dos quaes tornou a Cintra.

D. Manoel, affeiçoado aos mesmos sitios, é que no logar da ermida deu principio a um mosteiro, para a religião de S. Jeronimo. Mandando cortar a penha a todo o custo, fez uma planicie de oitenta pés de terrapleno, e de madeira levantou, em 1503, o edificio, que não durou mais que oito annos. Em 1511 o começou a refazer de cantaria e abobada, e o acabou com capacidade para morarem n'elle dezoito monges.

O antigo mosteiro, que quasi de todo desappareceu debaixo das novas obras reaes, tinha entrada, pela parte da meio-dia, por uma porta de grades de ferro. Logo á entrada do cêrco se via uma fonte e tanque, com seus assentos, seguindo-se-lhes os apriscos de gado, horta, e praça onde se corriam touros. Perto havia um pateo, onde estavam as hospedarias, e da parte do norte uma escada, que dava para a egreja, cujo tecto ainda é de laçaria de pedra, com as armas reaes nos fechos, cruz de Christo e florões; descançando toda a laçaria em quatro meias columnas, que estão nas paredes. Azulejo branco e verde fórra toda a egrejinha, que tem do lado do Evangelho um altar de S. Jeronimo, e do lado da Epistola um de S. João Baptista. Na banqueta do altar mór está a Senhora da Pena, e no espaldar o celebre retabulo, todo de jaspe, formado na parte superior por um arco de meia laranja, que descança em duas columnas pretas. O arco é do mesmo jaspe, com quadrados sobrepostos de alabastro, com suas divisões de preto e embutidos rasos, com um letreiro. No fim de cada ponta ou canto tem dois meninos de alabastro sustentando dois magotes, feitos d'armas, fructos e flores, que d'estas pontas pendem até meio retabulo. Duas columnas pretas formam um nicho, em que se vê o nascimento de Christo, todo de figurinhas de vulto, de alabastro. Descendo por este meio, entre duas columnas do mesmo jaspe sobresae o arco, debaixo do qual está o sacrario. Sobre o arco ha uma imagem de Nossa Senhora, sentada dentro d'outro pequeno nicho, com duas columnas tambem de jaspe sobresaindo, e duas meias columnas interiores, sobre que se formam tres arcos de renda de alabastro. A Senhora sustenta o menino no braço esquerdo, e no direito um livro aberto. D'este nicho descem duas varandas até ao fim do arco em que está o sacrario. N'outros dois nichos collateraes estão a Annunciação e a Adoração dos Reis, tudo de figuras de alabastro. Debaixo d'estes ha mais dois de identicas figuras, um da Apresentação no templo, e outro da fugida para o Egypto; e no meio outro mais concavo, com um sepulchro de alabastro, com a imagem de Christo morto, e tres anjos que o sustentam. São as maiores figuras d'este retabulo. Todas as bases das columnas são de alabastro, com guarnições e frisos de jaspe preto, lavrado de meio relêvo de folhagens. O sepulchro fica superior ao sacrario, que é em fórma rotunda, sobresaindo a toda a obra, com um anjo com as armas reaes da parte direita, e da esquerda outro com as armas da rainha D. Catharina. O sacrario, todo de alabastro, tem exteriormente um resguardo com seu zimborio, da mesma materia: move-se em roda pela parte de dentro, e tem na circunferencia, em apainelados, passos da paixão, em figuras de meio relêvo. N'um d'elles, que lhe serve de porta, tem a data de 1531. É tão transparente, que mettendo-se-lhe dentro luz, ou pondo-se-lhe por detraz, transparece como se fôra cristal, e dá claridade para se ler. O retabulo sustenta-se em pilastras de alabastro, e tem da direita a Ceia e o Horto, e da esquerda a Resurreição e a Descida ao Limbo. Na base da direita ha inscripção, que consagra esta obra á Virgem Mãe de Deus, e na da esquerda outra que explica a dedicação que d'ella lhe fez em 1532 el-rei D. Manoel, pelo feliz parto da rainha D. Catharina, e nascimento de seu filho o principe D. Manoel. Toda a pedra do retabulo foi extrahida da serra. O lavor custou quatro mil cruzados. Quanto ao desenho, não parece hoje dos mais correctos; mas nos tempos antigos gozava de grande fama. Duarte Nunes de Leão assevera que foi executado por um estatuario (francez) chamado Nicoláo. É uma das maiores curiosidades d'aquella casa.

D. Manoel e a rainha D. Maria fizeram á Senhora da Pena offerta de uma coroa, ornada com grande esmeralda, do primeiro ouro que veiu da India.

O claustro do mosteiro ainda se conserva. Na cêrca havia differentes ermidas, umas levantadas pela arte, outras pela natureza, para onde os monges se retiravam a orar. O logar era muito exposto a raios, e alli perto se tem descoberto pedras de cevar. Em 1743, quando em 30 de setembro os religiosos celebravam a festa do seu patriarcha, caiu alli um, que arruinou parte da torre, e entrando na egreja e sacristia, em todas as partes fez estragos, poupando entretanto a vida de mais de duzentas pessoas que estavam reunidas.

Encorporados os bens das casas religiosas, depois

da sua extincção, nos proprios nacionaes, o conventinho e cêrca de Nossa Senhora da Pena, em Cintra, foram vendidos em 1838 por setecentos mil réis, preço da avaliação, a sua magestade el-rei D. Fernando.

A casa e cêrca estavam destroçadas. Cortava o coração ver o estado em que o desacato e o vandalismo as tinham posto. As paredes do cenobio ameaçavam ruina. Portas, janellas, e sobrados, tudo estava roubado. Nem as corpulentas arvores da cêrca tinham escapado ao machado destruidor que as derrubára, e á mão espoliadora que as fizera desapparecer

Os primeiros trabalhos, alli mandados fazer pelo real proprietario, parece que foram simples reparos no edificio, e arranjo da cêrca. Tornando-se necessario, antes de tudo, facilitar á multidão de nacionaes e estrangeiros, que de verão concorrem a Cintra, accesso áquella pittoresca e celebrada estancia, para esse fim se tratou logo de construir uma excellente estrada de uma milha, em que houve a vencer muitas difficuldades, fazendo-se importantes obras d'arte, inclusivè um tunnel em fórma de caracol. Estes trabalhos, começados em 1838, já estavam, com grande admiração de todos, concluidos em 1840.

Só em 1841 se resolveu el-rei converter a Pena n'um palacio acastellado no estilo arabe-mixto, ou, melhor, no estilo manuelino, de que Portugal tem primorosos exemplos na torre monumental de Belem, e no proximo templo dos Jeronimos.

Para isso ampliou-se e transformou-se a antiga torre dos sinos, construindo-se outra circular; e se alargou o pateo do adro da egreja, sentando-o em fortes muralhas, coroadas de arcadas mouriscas, sobre os rochedos que cercavam o conventinho do lado do norte.

Em 1844 é que começou a edificação do novo palacio real, que ainda não está concluido, mas em que se continúa a trabalhar com constancia. As obras, já mui adiantadas, deixam bem ver o maravilhoso primor do seu pensamento e execução. Muitas partes de architectura phantastica, que a todos maravilha, estão já completas. Entre ellas são dignas de menção especial o bello portico allegorico da creação do mundo; o vestibulo coberto por um formoso tecto de estilo arabe, imitando stalactites naturaes; o novo portal, cópia exacta da famosa porta da Justiça, em Alhambra, etc.

Em 1847 levantou-se em tôrno do edificio uma estrada circular, ou caminho de ronda; e fez-se terrapleno para uma pequena bateria de quatro peças Ao mesmo tempo foi progredindo com a maior intelligencia e sollicitude o melhoramento da cêrca e dos terrenos que successivamente se tem adquirido por aforamento.

Reliquia de civilisação e povo, que por mais d'um titulo tinham sido grandes, o castello dos Mouros, n'um cabeço fronteiro ao cabeço da Pena, pouco distante d'ella, na mesma serra, foi tambem reparado.

Bellos arvoredos, e das mais raras especies, povoam já parte da serra, que tambem hoje ostenta na sua maxima parte extensos e virentes pinhaes. Os enormes penedos que, por assim dizer, constituiam aquellas serranias, quasi desappareceram de todo debaixo da vigorosa vegetação, cujo desenvolvimento a frescura natural do clima e a abundancia das aguas tem favorecido admiravelmente.

Tanto para recreio, como para facilitar irrigações, se construiram n'aquellas alturas grandes tanques, ou lagos, imitação de naturaes, alguns de notavel extensão. O maior tem 540 palmos de comprimento medio, 120 de largura, 10 de profundidade, e capacidade para 407.500 almudes d'agua.

Em todas as direcções da serra se tem aberto commodos caminhos, os principaes de dezeseis palmos de largura, e os outros de doze e de oito palmos.

Tudo alli se tem feito com muita intelligencia e zêlo. Se a mão liberal do augusto proprietario se não encolhe nunca, a fortuna tem-lhe deparado zelosos directores e fiscaes, que, acompanhando obras gigantescas, tem sabido realisal-as com admiravel economia relativa. Entretanto o cabedal que alli se tem empregado deve ser avultadissimo, quando dez annos atraz, em 1848, subia já a cento e trinta e cinco contos.

O edificio monumental da Pena é tal, que nunca se admira assás. O gosto e paixão artistica d'el-rei D. Fernando transparecem nos menores accidentes. A memoria do intelligente e honrado barão de Eschwege, que até á sua morte dirigiu aquellas obras, vive louvada em todas aquellas laboriosas officinas. A primorosa execução da maior parte dos trabalhos denuncia os estimulos e favores reaes, que tanto tem adiantado aquella eschola como perdida nas nuvens.

PEDRO DE STAUFFEN.

(Conto allemão).

Pedro Dirnimger, que habitava o castello de Stauffen, em Ortenan, e por cujo motivo se chamava tambem o cavalleiro de Stauffen, voltava um dia só da caça.

A noite principiava a descer, mas a belleza maravilhosa do crepusculo ostentava-se ainda.

O horisonte estava, d'um a outro extremo, coberto de largas fitas de nuvens, e o sol, occultando-se por detraz d'ellas, dava-lhes o aspecto de uma cadeia de montanhas, cujo cimo esclarecido imitava perfeitamente a neve.

Os feixes de luz que pareciam sair dos contornos transparentes dos cumes animavam ainda mais o quadro, dourando os vapores ambientes.

Era de uma illusão completa.

Pedro de Stauffen trazia muita sêde.

O acaso quiz que elle passasse ao pé de uma fonte, não longe da aldeia de Nussbach.

Era a mais pittoresca das fontes.

Velhos carvalhos, como que pareciam abrigal-a debaixo de seus ramos, formando em torno d'ella uma especie de sanctuario.

Corria Pedro a matar a sêde, quando de repente parou surpreso e extremamente maravilhado pela rara belleza e nunca vistos encantos de uma joven donzella vestida de branco que estava alli sentada.

Esta mulher mais parecia uma filha do ceo do que da terra.

O seu rosto tinha o explendor da luz e o colorido das flores.

Pedro saudeu-a com respeito e amabilidade, ao que ella correspondeu similhantemente.

— Sêde bem vindo, cavalleiro de Stauflen, disse ella.

— Sabeis o meu nome!? exclamou Pedro com viva admiração. Quem me enviará tanta felicidade?... Nunca vos vi, de certo, e ignoro quem sois....

— Como moro perto d'aqui, replicou ella, sorrindo-se, tenho-vos visto muitas vezes passar com os vossos picadores, e é d'elles que hei ouvido o vosso nome.

— Grande, mui grande é o prazer que experimento em ver que vos não tendes esquecido d'elle; e se fosseis tão generosa, se fosseis tão boa, que me dissesseis o vosso, acreditae que a minha memoria rivalisaria com a vossa....

— Ah! o meu nome, cavalleiro, ainda ninguem o pronunciou, disse a desconhecida, dando um profundo suspiro; e aquelle que o pronunciar arrisca-se a graves perigos.

— Desafiaes duplamente a minha curiosidade, disse Pedro sorrindo-se. Penetrar pela primeira vez um segredo perigoso e acceitar-lhe corajosamente as consequencias, é uma d'essas aventuras em procura das quaes nós andâmos sempre....

— É necessario que eu vos deixe, respondeu a donzella. Vêdes alli, por cima d'aquellas casas, a lua que principia a nascer?...

O cavalleiro olhou para o ponto indicado, e viu a lua contemplando-o amigavelmente do seu leito de nuvens como de uma explendida cama nupcial.

N'este momento a donzella deixou de fallar.

Pedro voltou-se rapidamente, mas a magica apparição tinha desapparecido.

Ora dizer que Pedro de Stauffen era joven e livre, é o mesmo que dizer que ficou logo perdido d'amores pela desconhecida, cuja belleza e melodiosa voz lhe tinham enfeitiçado o coração; cujos olhares graciosamente furtivos o penetraram como settas, e cuja inesperada ausencia tão violenta paixão lhe fazia sentir agora.

Pedro nunca mais teve uma hora de socêgo.

Todos os dias, quando o sol desapparecia por detraz dos bosques, ia á fonte na esperança de encontrar a bella donzella; mas esta não se mostrou mais.

Em fim, uma noite, estava elle sentado debaixo



De repente parou surpreso pela rara belleza d'uma joven donzella....—Composição e desenho de Nogueira da Silva.

de um carvalho, carpindo a sua desventura e já prestes a resignar-se, quando uma voz melodiosa, que parecia vir ao lado da fonte, se fez ouvir.

Que voz! que divina voz!

Em nada se assimilhavam as suas notas aos acordes da musica humana.

Tinha alguma cousa de vago: era como sons enfraquecidos pela distancia, cuja suavidade, cuja ternura, cuja melancolia nos mergulha em deliciosa tristeza.

Era uma especie d'harmonia intellectual, que lisonjea directamente o espirito, sem carecer de obrar sobre os sentidos.

O cavalleiro estava extasiado.

Após o extasis veiu a curiosidade.

Querendo descobrir d'onde vinham tão maravilhosos accentos, levantou-se, olhou para todos os lados, inclinou-se sobre a fonte, mas nada viu que podesse illucidal-o.

Triste e desanimado, voltava a retomar o seu logar, quando o encontrou occupado pela suspirada donzella.

A desconhecida parecia estar de alegre humor; um sorriso encantador lhe fluctuava nos labios de carmim.

— Que tendes, cavalleiro? lhe diz ella. Pareceisme tão inquieto como um homem que procura resolver um enigma?

— É verdade, bella donzella. Estava bastante embaraçado. Acabo de ouvir uma musica divina, que me repassou a alma de profundas emoções; procuro ver d'onde vem tão suave melodia.... e eu vos apercebo, mais silenciosa....

— E, não obstante, era eu que cantava para me distrahir.

— Vós!?... Mas onde estaveis então?...

— Não sejaes tão curioso, cavalleiro. Quando se conhece tudo, vem o aborrecimento, e o aborrecimento é a morte.

— Sois um mysterio de que eu apenas conheço mui pouco, e conhecer-vos melhor, donzella, não seria morrer, mas sim participar da vida dos anjos!

— Pois amaes-me.... sinceramente? disse a desconhecida com hesitação.

— Amo-vos como o cabrito ama os bosques desertos; como o cardeal ama a primavera; como os heroes amam a gloria; como os santos amam o paraiso.

A desconhecida tornou-se pensativa.

— Pois bem! disse ella, se fallaes sinceramente, esperae-me ámanhã, antes de nascer o sol, ao pé da fonte.

E fez-lhe signal de se afastar.

Pedro nem mesmo teve a idéa de desobedecer-lhe.

Ainda algumas pallidas estrellas luziam por entre os vapores rosados da madrugada, e já Pedro se achava no logar aprazado.

Até que a mysteriosa donzella surdiu d'uma moita.

Esclarecida pela luz nascente, parecia mais bella, mais graciosa do que nunca.

Pedro Stauffen julgou ver um ser sobrenatural.

Uma coroa de myosotis lhe prendia os louros cabellos que pareciam humedecidos pelo orvalho, e um ramilhete de verbenas escarlates lhe ornava o seio.

A donzella fixou sobre o cavalleiro o olhar puro e tranquillo da innocencia, e Pedro teve, pela primeira vez, occasião de observar que a côr dos seus olhos se assimilhava á côr das ondas em tempo sombrio.

Depois de um momento, em que o cavalleiro, mudo de admiração e alegria, apenas podia contemplal-a, tomou-lhe a mão, deu-lhe ardente beijo, e ia começar a dirigir-lhe mil protestações d'amor, quando ella pondo o dedo sobre a sua delicada bocca, lhe rogou que se assentasse ao pé de si, no marginado da fonte, e lhe disse:

— Eu não sou filha dos homens. Nasci das aguas limpidas e transparentes das fontes, nas quaes habito. Nos vossos grosseiros idiomas chamam-me fada das aguas. Pedro de Stauffen, amo muito o meu humido recinto bordado de plantas viçosas, constantemente animado por um doce murmurio. Não obstante, por vós o deixarei com alegria; mas adverti que nós em cousa alguma nos assimilhâmos aos mortaes. Não damos o nosso amor sem a nossa mão, bem como a nossa mão sem o nosso amor. Pensae, pois, n'isto, Pedro de Stauffen. Se quereis unir-vos a mim, é necessario que a vossa affeição seja tão pura como as aguas virginaes da minha fonte, e tão firme como o aço da vossa espada. Se perjurasseis, uma rapida morte vos puniria, e eu conservaria uma dor eterna, porque nós não cessâmos nunca de amar. A traição profunda-nos no coração uma ferida que o tempo jamais cura.

— Não duvideis de mim, respondeu o cavalleiro. É tão difficil ser-vos infiel, como impossivel é já poder viver sem vós! Tomo por testimunha o sol que principia a coroar estes bosques. O meu amor, nem mesmo acabará com a vida, porque a minha alma o levará comsigo para o ceo!

— Recebei o meu annel d'esponsaes.

E a fada metteu-lhe no dedo um annel ricamente cinzelado.

Pedro de Stauffen não póde, então, conter-se.

Lançou-se-lhe ao pescoço, apertou-a d'encontro ao seu coração, e applicou os seus labios ardentes sobre os d'ella.

Uma nuvem passou pelos olhos d'ambos.

Nem um nem outro tiveram, n'este momento, conhecimento de si proprios, senão pelo sentimento da sua felicidade.

Fixaram desde logo o dia das nupcias, e apartaram-se.

Quando Pedro entrou na grande sala do castello, achou sobre a mesa tres condeças entrançadas com muita arte, contendo a primeira prata, a segunda ouro, e a terceira diamantes de toda a especie.

Era o presente da sua desposada.

(Continúa).

N. S.

LISBONNE.

(Souvenirs d'une voyage à bord de la corvette *La Bayonnaise*: 2.me relâch — Mai 1847).

XI.

En contemplant Lisbonne, et son enceinte immense,
Tous ces palais déserts, restes de sa puissance,
L'étranger se demande, en proie à la stupeur,
Où sont ses jours de gloire et d'antique splendeur,
Et, des tems reculés évoquant la mémoire,
Cherche à recomposer sa poétique histoire.

XII.

Vers les siècles passés lorsqu'il tourne les yeux,
Il voit un peuple brave, actif, audacieux,
Pour défandre le sol de la Lusitanie
Contre les fiers enfants da la Mauritanie,
Et s'affranchir du joug, dont s'irrite son cœur,
Dans de sanglants combats signaler sa valeur;
Puis, les chassant en fin hors de son territoire,
Affermir sa puissance, en se couvrant de gloire.

Il le voit, relevant son front humilié;
Fatigué d'obéir; honteux d'avoir plié
Sous un maitre étranger qui l'opprime et l'outrage,
Au castillan farouche opposer son courage;
Pour briser à jamais ce pouvoir détesté,
Dont s'indigne et rougit son orgueil révolté,
Bravant tous les périls, à force de constance
Reconquérir ses droits, sa vieille indépendance,

C'est alors que commence, avec l'ordre et la paix,
Une ère plus heureuse, et féconde en hauts faits.
Alors le Portugal, levant bien haut la tête,
Va marcher, à grands pas, de conquête en conquête;
Et déjà ses vaisseaux s'élançant sur les mers
Font retentir son nom au bout de l'univers.

Magellan, du Brésil côtoyant le rivage,
S'avance vers le pôle, et s'y fraye un passage.
Non moins hardis que lui, d'Albuquerque, Andrada,
Et, le plus grand de tous, Don Vasco de Gama,
Parcourant l'Océan, devenu leur domaine,
Vont planter leur drapeau sur la rive africaine;
Au grand nom de Bragance occupent ces pays,
De leurs rudes travaux noble et glorieux prix.
Ils ont doublé le cap si fertile en tempêtes.
Sur de nouvelles mers poursuivant leurs conquêtes,
Ils voguent vers le Gange; au milieu de ses eaux
Imprimant le sillon de leurs hardis vaisseaux;
Et, pénétrant bientôt jusqu'au golfe persique,
Font partout éclater leur ardeur héroïque.

XIII.

Le commerce grandit, et prend un libre essor.
On voit les galions arriver chargés d'or.
Le Tage en est couvert, et sa rade profonde
Sert de vaste entrepôt aux richesses du monde.

Le luxe et la splendeur brillent de toutes parts.
C'est l'heure où vont fleurir les lettres, les beaux arts.
L'illustre Camoëns célèbre en vers épiques
De Vasco de Gama les exploits homériques.
Poëte aventureux, intrépide guerrier,
Il porte sur son front, ceint d'un double laurier,
De l'immortalité l'auréole éclatante.
Le théâtre oublié renait sous Gil Vicente,
Et son pinceau hardi d'un drame original,
Après d'heureux efforts, dote le Portugal.
La langue s'enrichit des œuvres des poëtes.

L'histoire compte aussi d'éloquents interprètes,
Et l'université, qui vient de s'ériger,
A ses doctes leçons appelle l'etranger.

XIV.

De ces tems fortunés, de cet état prospère
Que reste-t-il hélas!... Rien qu'une ombre éphémère.
Peuple jadis si grand, partout si respecté,
Sans rival, qu'as tu fait de ta mâle fierté?
Au milieu des horreurs d'une guerre intestine
Chaque jour, à grands pas, tu cours à ta ruine;
Et ces compats affreux qui dévorant tes fils
De son sang le plus pur ont privé le pays.

XV.

Mais laissons du passé le souvenir stérile.
Reprenons notre course. Hors des murs de la ville
Contemplons, un moment, ces superbes arceaux
Qui s'étendent au loin, et conduisent les eaux,
De côteaux en côteaux, de montagne en montagne,
Après un long parcours à travers la campagne,
Dans ce large edifice, immense réservoir,
Dont le bassin profund sert à les recevoir,
Et qui, par des canaux, des routes souterraines,
Va porter chaque jour son tribut aux fontaines.
Ces pompeux aqueducs, par leur masse imposants,
Qui s'élévant dans l'air, comme autant de géants,
De leur ceintre orgueilleux defiant les orages,
Semblent braver du tems l'injure et les ravages,
Et rappellent encore, par leur solidité,
Des monuments romains l'antique majesté.

Sous l'un de ces arceaux, dont la voûte élancée
Forme une vaste ogive, élégamment tracée,
Où l'on entend l'écho répéter, à la fois,
Les pas du voyageur, et le son de sa voix,
On pourrait voir passer, chargé de sa mâture,
Un large et beau navire, à la coquette allure,
Qui, balançant son front, toutes voiles dehors,
Y circulerait libre, et sans toucher les bords.

XVI.

Traversons les hameaux. Au centre des villages
Cherchons d'autres aspects, de nouveaux paysages,
De riants points de vue, agrestes, curieux,
Vont étaler leur grâce et leur charme à nos yeux.

La campagne, il est vrai, moins riche de parure,
N'offre point, comme ailleurs, un juxe de verdure.
On n'y rencontre pas ces ombrages épais,
Où l'on aime à s'asseoir, à respirer en paix;
Où l'on peut, du regard embrassant la prairie,
Suivre, à son gré, le cours de quelque rêverie,
Et, goutant le repos et la tranquillité,
Dans un vague idéal flotter en liberté.
Du soleil du midi la chaleur dévorante
Dessèche sur sa tige et la fleur et la plante,
Et ses ardents rayons, même aux rameaux naissants,
Impriment leur stigmate, et leurs tons jaunissants,

Mais sous ce ciel de feu, qu'un pur azur colore,
Sur ce sol, presque aride, on peut trouver encore,
Au sein de frais vallons, dorés par les épis,
Des gazons, dont les fleurs émaillent le tapis,
Des jardins ravissants, des maisons de plaisance
Annonçant, à la fois, le goût et l'opulence.

XVII.

Ici c'est le séjour où réside, l'été,
Un homme, dont le nom est justement vanté,
Ministre, homme d'etat, et profund politique.
Du duc de Palmella c'est le domaine antique.
C'est Lumiar, dont le parc de ses rameaux ombreux
Voile l'éclat du jour, et tempère les feux.

Ce palais élégant, résidence joyeuse,
Rendez-vous où la foule accourt insoucieuse,
Où l'accueil le plus franc, le plus hospitalier
Attend le visiteur qui s'assied au foyer;
Où l'on trouve, en tout tems, l'exquise politesse
Unie à l'abandon, à la délicatesse,
Du comte Farrobo c'est le royal séjour.
C'est là qu'en grand seigneur il vient tenir sa cour.
C'est Laranjeire enfin, demeure magnifique,
Où brillent la splendeur et son charme féerique.

XVIII.

Mais ce qui doit surtout, vieille et noble cité,
Eveiller dans ton cœur une juste fierté;
Ce qui donne à ton site une face riante,
Et fait de ton séjour un lieu qui nous enchante;
C'est ton climat si doux, ton air toujours si pur,
Ton soleil radieux, ton ciel d'or et d'azur.
C'est ce fleuve imposant qui, baignant ton rivage,
Dans ses flots transparents réfléchit ton image.
Ce sont tes sièdes nuits, pleines de volupté,
Que la lune embellit de sa douce clarté,
Que rafraichit la brise, apportant de la terre,
Dans son vol amoureux, sur son aile légère,
A travers les vallons, les jardins, les vergers,
Les parfums odorants de tes bois d'orangers.

Décembre 1857.

XIX.

L'horizon s'est voilé d'une teinte lugubre.
Quand je vantais ton ciel, ton air vif et salubre,
Ton climat fortuné, dont le doux souvenir
Me fet, après dix ans, l'aimer et le bénir,
Aurais-je pu penser qu'un jour, jour effroyable!
Un fléau destructeur, terrible, impitoyable,
Par le souffle des vents dans tes murs apporté,
Viendrais couvrir de deuil la riante cité?

XX.

Rien n'a pu l'arrêter dans sa marche rapide.
Pâle, altéré de sangue, et de larmes avide,
De son haleine impure exhalant les poisons,
Semant partout la mort, de maisons en maisons
Il poursuit, triomphant, le cours de sa vengeance;
S'attaque à la vieillesse, aussi bien qu'à l'enfance;
Frappe de tous côtés. Rien n'échappe à ses coups.
Tout tombe autour de lui sans lasser son courroux.

Au chevet des mourants, l'œil fixé sur sa proie,
Il s'assied en silence, et contemple avec joie
De leur cœur qui s'éteint les derniers battements.
Il écoute, attentif, leurs sourds gémissements;
Et le râle annonçant la fin de l'agonie
Apporte à son oreille une douce harmonie.

Entouré de cercueils, spectacle de terreur
Dont se repait sa vue, et qui glace d'horreur,
Il se plait à compter, dans sa haine sauvage,
Les victimes du mal que déchaina sa rage.
Un plaisir infernal rayonne dans ses yeux.
Il s'applaudit du nombre; et, semblable aux faux dieux
Qu'enivraient les vapeurs du sang des hécatombes,
Brandit, avec orgueil, son sceptre sur leurs tombes.

XXI.

Mais dans ces jours de deuil et de sombre douleur
L'humanité grandit. Elle élève le cœur,
Le retrempe à sa source; et, dominant la crainte,
Insensible aux dangers, de sa mission sainte
S'acquitte avec ferveur. Dans ces tristes moments
Surgissent tout-à-coup de hardis dévouements.
On se sent exalté. Combien de traits sublimes
Ont sur leur lit de mort consolé les victimes!

XXII.

Le jeune Souverain parcourant la citét
Respirant les poisons dont l'air est infecté,
Sans souci des périls qu'affronte son courage,
Partout où le fléau, dans le fort de sa rage,
Sévit, aux malheureux que la souffrance étreint
Adressant de ces mots, où sa bonté s'empreint,

N'a-t-il pas, le premier, dans la stupeur profonde,
Donné, par sa présence, un noble exemple au monde?

XXIII.

Un règne qui s'annonce avec tant de grandeur
Présage à l'avenir des jours pleins de splendeur.
Par des hymnes de joie et de reconnaissance
Courez, fils de Lusus, du beau nom de Bragance
Saluer l'Héritier. Que ce nom vénéré
Retentisse, en échos, dans le temple sacré!
Le Roi qui vous gouverne, instruit, dès sa jeunesse,
A suivre les sentiers que trace la sagesse;
Par d'augustes leçons de bonne heure guidé,
Trésor pur dans son cœur pieusement gardé,
Apporte sur le trône, où sa Justice brille,
Le culte des vertus qu'il tient de sa famille.

JULES ZANOLE.

O MILAGRE DE POMBAL.

Quod absurdum, credo—creio, porque é absurdo, dizia o bispo de Hypponia.

Em quanto a mim tenho tambem a commoda mania d'acceitar como verdades todos os absurdos que não sei explicar! Ao presenciar um acontecimento que é, ou me parece, sobrenatural, sou o primeiro a gritar com toda a força dos meus pulmões—milagre!

É obvia a conveniencia do systema:—livra a intelligencia de trabalhosas lucubrações, e patenteia a firmeza das crenças religiosas.—Todos os trabalhos dos sabios e das academias, que tem gasto muitas vezes tres e mais seculos com a explicação d'um phenomeno, se poderiam evitar com a commodidade d'esta palavra, com que essa gente sensata, a que chamam vulgo, se livra de raciocinios e complicadas demonstrações; e esses homens que tão inutilmente,—para si e para elle,—queimaram as pestanas em continuas vigilias, teriam lucrado mais se, acceitando o mundo tal qual o tinham achado, se tivessem dedicado a um fim menos elevado e mais material!

De mais, Balzac já disse algures que o espirito humano gosta do sobrenatural.—O milagre é irmão direito do mysterio, e se a alma acolhe com prazer tudo que lhe apparece com esse véo impenetravel, não soffrerá ella uma verdadeira decepção no momento em que lhe mostrarem que aquillo que julgava um mysterioso resultado de poderes sobrenaturaes não é mais do que um simples segredo da sciencia?—Aqui não ha heresia, ha philosophia.

Além d'esta necessidade moral, ha outra material, não menos importante e conhecida de todos os que pensam.—As leis humanas não domavam os povos, se o freio das superstições os não contivessem; a ignorancia que o vulgo tem das vantagens da legislação terrestre obrigal-o-hia a uma continua anarchia, se não fosse a cega e fanatica adoração que professa pelo que lhe apparece envolvido em mysterio, e que substitue n'aquelle espirito pouco illustrado o verdadeiro conhecimento da sublimidade da religião.

É pois grande a necessidade de conservar o povo n'este estado d'ignorancia e superstição, provando que o vencimento de cada degrão na escala da civilisação seria seguido immediatamente d'outras tantas anarchias, que tornariam impossivel a ordem social muito antes de chegar ao cume, quero dizer, ao ponto em que elle se mantivesse n'ella, não pela força da superstição, mas pela do desenvolvimento intellectual!...

N'um dia de julho, que tem no calendario não sei que invocação,—esclarecimento que pouco importa ao caso,—passa-se na grande praça de Pombal uma scena curiosa presenciada, admirada e reverenciada pelas povoações de dez legoas em redor!

É o dia do *milagre da Senhora!*

É é realmente um estupendo milagre, que eu passo a contar ao leitor ignorante das cousas que vão por esse mundo e até mesmo das que se passam n'este pequeno cantinho, chamado Portugal.

Mesmo defronte da *egreja da milagrosa imagem*, (inscripção transcripta da cimalha do templo), existe um immenso forno não menos milagroso, que desde a vespera do grande dia é aquecido com tres ou quatro carradas de lenha, e quasi preenchido com um bolo de milho que tem, *pelo menos*, a circumferencia d'uma roda das nossas traquitanas, e que deixa entre si e as paredes do nunca assaz admirado forno apenas um espaço de tres palmos de largura.

É pois, quando o forno tem um calor alimentado pelo espaço quasi de dezeseis horas, que se realisa o milagre, logo depois da festa da Senhora.

Um velhote de casaca azul de botões amarellos, chapeo armado, bota de barriga e cravo escarlate na bocca, entra no forno com passo firme, e, depois de ter dado uma volta em roda do portentoso bolo, outro Achilles, que nem o calcanhar tem vulneravel... combustivel, quero dizer,—sae risonho e incolume d'aquella fornalha ardente, sem que uma aba da casaca sequer tenha soffrido damno algum!...

«Vejam agora os sabios na escriptura
Que segredos são estes da natura.»

Com a fronte altiva e olhar arrogante o velho atravessa a praça no meio d'uma atroadora vozeria da multidão, e vae para casa.

Dizem que este raro dom d'incolumidade é, desde tempos immemoriaes, uma tradição na mesma familia.

Não admira.

Contam mais que um soldado da peninsula,—espirito forte do seculo,—que uma vez quizera imitar o velho, dizendo que o bolo attrahia todo o calor, ao entrar no forno caira para traz immediatamente quasi asphyxiado.

Podéra!

O que ha aqui tambem a notar d'importante é ser a casaca tão indispensavel como o velho, este como as botas, as botas como o chapeo, e o chapeo como o cravo:—sem qualquer d'estes accessorios o milagre é impossivel!

Para se livrarem d'infructuosas cogitações, os leitores que não perceberem digam como eu:

Quod absurdum, credo.

A. MARQUES PEREIRA.

ENIGMA PITTORESCO.



Explicação do enigma do numero antecedente.

Dez vezes um, dez, noves fóra um.

LISBOA—Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B